

A INTERIORIDADE COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL DE CONHECIMENTO DA VERDADE A PARTIR DO LIVRO *DE VERA RELIGIONE* NA FILOSOFIA DE SANTO AGOSTINHO

LA INTERIORIDAD COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL DE CONOCIMIENTO DE LA VERDAD A PARTIR DEL LIBRO *DE VERA RELIGIONE* EN LA FILOSOFÍA DE SANTO AGOSTINHO

Aginaldo Paulino Ferreira Júnior*

RESUMO:

O presente estudo realizado a partir do livro *De vera religione*, considerado um dos livros da filosofia mais madura de Santo Agostinho, buscará refletir sobre a interioridade como um meio ou uma ferramenta de acesso a uma realidade transcendente que em Agostinho é o lugar da Verdade. Para tal, Agostinho descreve não apenas o caminho interior, mas também como nesse processo de interiorização se revela o conhecimento da Verdade. Esse livro traz em seu conteúdo um processo de amadurecimento da Fé e da Razão humana chamado de interioridade transcendentes ou, como dirá Lima Vaz em um de seus célebres artigos “A metafísica da interioridade”. A interioridade, como instrumento para o processo ensino aprendizagem do conhecimento da Verdade é a fuga do erro, da mudança, que se encontra no temporal em busca da verdade imutável e atemporal. Na interioridade o ser entra em solidão profunda e foge dessa realidade transcendendo para a Verdade, lugar onde todos os seres solitários transcendem. Assim, o processo de interioridade transcendente deixa de ser particular e torna-se universal absoluto, torna-se, portanto, um processo educacional de conhecimento da Verdade.

Palavras-Chaves: Interioridade. Verdade. Transcendente.

RESUMEN:

Este estudio realizado a partir del libro *De vera religione*, considerado uno de los libros de filosofía de más grande madurez de San Agustín, buscará reflexionar sobre la interioridad como medio o una herramienta de acceso a una realidad trascendente que en Agustín es el sitio de la Verdad. Para tal, Agustín no describe solamente el camino interior, pero también, en eso proceso de interiorización es descubierto el conocimiento de la Verdad. Este libro trae en su contenido una metodología de maduración de la fe y de la razón humana. Llamada de interioridad trascendente, o como le dirá Lima Vaz en uno de sus célebres artículos “la metafísica de la interioridad”. La interioridad, como una herramienta para el proceso de aprendizaje de enseñanza de conocimiento de la Verdad, es el escape del error, de cambio, que encontrase en la tormenta en búsqueda de la Verdad inmutable y atemporal. En la interioridad el ser entra en profunda soledad y huye de esa realidad trascendiendo para la Verdad, sitio donde todos los seres solitarios trascienden. Así, el proceso de interioridad

* Graduado em filosofia (ISTA) em 2016 e graduado e administração (Faculdade Marista de Recife) em 2012. Bolsista no Projeto Construindo uma linguagem pública para comunidades quilombolas, no núcleo de estudos e projetos de ciências políticas da UFMG. E-mail: agnaldodiunizio@yahoo.com.br.

trascendente deja de ser privado e se convierte en universal absoluto, se convierte en un proceso educativo de conocimiento de la Verdad.

CONTRASEÑAS: Interioridad. Verdad. Trascendencia.

INTRODUÇÃO

A educação como forma de aprendizagem acadêmica já se mostra teorizada desde os clássicos pensadores gregos. Com toda a nova situação de mudança de pensar filosófico, da idade antiga para o início da idade medieval, essas questões também se mantiveram priorizadas.

Com um pensar filosófico direcionado à metafísica cristã, Agostinho elaborou novos questionamentos, bem como novas respostas para a problemática da educação. Como toda a filosofia agostiniana é baseada nas experiências pessoais do filósofo, os caminhos trilhados para se pensar a educação são refletidos a partir da sua vivência como professor de literatura e da criação e ensino de seu próprio filho Adeodato.

É conveniente demarcar que Agostinho foi um pensador que viveu entre 350 d.C. a 430 d.C., portanto suas respostas e elucubrações sobre o método de ensino-aprendizagem podem ser consideradas ultrapassadas, visto os 1700 anos de questões levantadas sobre o processo de aprendizagem após seus escritos. Porém é de suma importância perceber as grandes contribuições do autor para sua época, bem como sua metodologia e raciocínio lógico no desenvolvimento de suas respostas. Tornando-se o grande pensador do início do medievo, Agostinho propôs a sua metodologia educacional a partir de dois pontos de vista, a dualidade eterno-temporal e a iluminação divina. O homem como ser mundano e, portanto, suscetível às mudanças terrenas, à vivência na realidade material e à experiência que pela iluminação divina lhe permite avistar e entender o que se encontra no eterno.

A iluminação divina se compreende no caminho interior, no desapego da realidade terrena para a inclinação das realidades eternas que se encontram dentro do próprio homem, passando por uma fase de aprendizado de si mesmo e indo em direção ao conhecimento das outras realidades materiais. Apesar de parecer solitário o processo de interiorização é finalizado em uma realidade extramundana, esse é o local no qual se encontra a Verdade. É nele que todas as almas buscam o seu repouso.

A INTERIORIDADE COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL DE CONHECIMENTO DA VERDADE A PARTIR DO LIVRO *DE VERA RELIGIONE* NA FILOSOFIA DE SANTO AGOSTINHO

Em Agostinho a Verdade adquire um caráter sacral e metafísico, cujo caminho a ser trilhado se dá na via da interioridade humana, do encontro consigo mesmo, no mais profundo do ser. Lá habita a Verdade.

Em *De vera religione*, Agostinho não mostra o processo de busca da Verdade como um autoconhecimento baseado nas suas próprias lembranças passadas, como o faz em suas “*Confessiones*”. Mas, incita o interlocutor, a partir da história daqueles que lhe são próximos, e da própria história, a escolher o caminho da interioridade.

E a Verdade se encontra no interior, mas para entender esse caminho interior é necessário entender dois pontos importantes que comumente são expostos nessa filosofia: o espaço e o tempo. O espaço deve ser compreendido como o lugar das substâncias terrenas criadas, e o tempo como a suscetibilidade dos acontecimentos.

O homem é uma criação divina em meio às outras criações. Ao se distanciar da Verdade (expulsão do paraíso) o homem passa “dos bens eternos aos temporais, da abundância à miséria, da estabilidade à fraqueza” (AGOSTINHO, 1987, p. 70), do perfeito ao corruptível. Assim, o homem se depara com as substâncias temporais e, entendendo que toda criação divina possui harmonia e beleza, ama-as por perceber nelas o bem e a beleza que vêm do criador, e peca por amar as substâncias e não ao Criador, que é eterno.

O amor e as paixões pelo corruptível é o que leva o homem ao erro. Enquanto permanece nesse estado não possui a Verdade que lhe é seu verdadeiro amor. Assim, todas as possibilidades de verdades passageiras lhes são fascinantes. Aquele que ama a si mesmo e as formas tempo-espaciais mais que a Verdade se engana, pois tudo aquilo que não é a Verdade é corruptível, dessa forma tende ao erro. E aquele que tende ao erro tende à privação, pois é da defecção que vem a privação. As possibilidades de verdades passageiras, como o próprio nome diz, são passageiras, ou seja, tendem ao erro, pois se uma verdade muda, o que era verdade se torna uma inverdade.

Todas as possibilidades de paixões terrenas distanciam o homem da verdade. As glórias, as riquezas e a concupiscência são espectros de prazer que enganam o homem com uma felicidade momentânea. Assim, estaria o homem em face da verdade e distante do erro se meditasse sobre as realidades eternas, que são imutáveis e é o princípio de todo ser mutável. E

como o homem é um ser mutável, por viver no tempo e no espaço, sua alma está sujeita a mudanças temporais, ficando mais madura com o tempo.

Nota-se que Agostinho destaca a mutabilidade das coisas, solicitando uma atenção mais apurada para as coisas imutáveis. De início, baseado nas tradições filosóficas anteriores, seria mais plausível voltar à caverna de Platão, ou mais ainda aos seus diálogos, no Fédon, que remetem ao mundo das formas. Imaginar as formas ao invés de apropriar-se da substância que é corruptível seria em Platão a maneira mais correta de se aproximar da Verdade que é eterna.

Agostinho, porém, diz que esse é um caminho interessante, mas não o caminho a se realizar quando o objetivo real é alcançar a Verdade suprema, pois isso é apenas um mundo fantasma ampliado pela capacidade humana do pensamento, que de forma alguma foge do mundo temporal. As formas dadas nesse mundo da ideia são formas apreendidas no mundo temporal. Destarte, para Agostinho (1987, p. 72), “é muito fácil maldizer a carne, difícilimo, porém, possuir a sabedoria livre do sabor carnal” (*Facillimum est exsecrari carnem, difficillimum autem non carnaliter sapere*). Ou seja, possuir a sabedoria longe da mutabilidade da substância.

A filosofia religiosa, como um ato de fé, inteligência e amor (VAZ, 2012), consiste na passagem do mundo sensível, da dessemelhança, para o mundo interior, que é em Agostinho lugar comum da Verdade. Este lugar da Verdade é o próprio Deus. Assim, o ato racionalizante da interiorização é também um ato religioso o que faz da experiência agostiniana interior e transcendente ao mesmo tempo.

A grande guinada agostiniana se situa na universalização de uma experiência interior e pessoal através da capacidade racionalizante e comunicativa do autor em relação a tal experiência. A orientação agostiniana do caminho interior se torna universalizável pelo fato de estar no plano racional, sendo assim, passível de comunicação. Em outras palavras, a interioridade é um caminho racional que visa à contemplação da Verdade como se poderá, enfaticamente analisar nos parágrafos seguintes.

Na obra de Agostinho é possível perceber seu grande apreço e inquietação pelo enigmático tempo. É nele que ocorre toda mudança, seja da substância, seja da razão. Como lugar de movimento é no tempo, e também no espaço, que o corpo permite, através de suas capacidades e limitações, que a alma tenha acesso aos objetos sensíveis ao mundo. “[...] não somente os olhos, mas todos os sentidos corporais transmitem a própria impressão, tal qual, pergunto-me o que devemos exigir a mais deles” (AGOSTINHO, 1987, p. 96), pois o corpo

transmite à alma aquilo que ele consegue perceber, mas é a alma que possui a capacidade de julgar o que o corpo percebe.

Tomando isso como premissa, é interessante salientar como o aprendizado se dá na filosofia de Agostinho, pois o aprendizado é uma capacidade da alma. E, se tratando da alma, é portanto, uma capacidade interior. Poder-se-ia interpretar o aprendizado ou a retenção de conhecimento como algo puramente fatídico (um fato, ou acontecimento, que se passa no tempo e no espaço). Fatídico no sentido de que as informações que posteriormente se transformam em conhecimento costumam ser entendidas como coisas substanciais, porém Agostinho (1987, p. 94) refuta essa ideia como veremos a seguir.

Suponhamos que eu perguntasse a um arquiteto que acaba de levantar uma ogiva, o porquê de ele iniciar outra ogiva, idêntica à primeira, do outro lado. Creio que me responderia: “Para que as partes iguais (*paria paribus*) se correspondam.” Se insisto e lhe pergunto por que ele escolheu tal disposição, dirá que isso convém, que é belo, que agrada ao olhar. Não ousará ir mais longe. Voltado para a terra, baseia-se em seu olhar, sem compreender a causa. Mas em presença de alguém de olhar interior... hei de perguntar porque essa simetria agrada... indagarei, em seguida por que motivo eles são belos. Se o arquiteto hesitar, sugerirei que talvez seja porque as partes semelhantes estão reunidas de tal modo que evocam harmonia, unidade.

Os olhos, os sentidos corporais apenas percebem aquilo que sua capacidade permite perceber. Os corpos são apenas fragmentos de beleza ou de unidade, pois não poderiam ser beleza ou unidade em si se subdividissem. Mas o que Agostinho tenta enfatizar aqui não é o fato de os corpos possuírem beleza ou unidade, mas como se percebe essa unidade e através de que essa unidade e beleza são percebidas. Assim Agostinho (1987, p. 94-95) conclui seu argumento da seguinte maneira:

Assim sendo, eu insistiria junto a meu interlocutor, para me responder onde ele vê tal *unidade* ou como se explica que ele a veja. Isso porque se ele não a visse, de onde a conheceria para tentar imitar a beleza corporificada, mesmo sem que a esteja plenamente? ... “e de que modo conheces tu essa unidade, segundo a qual *julgas os corpos*?” Se não a visses, não poderias julgar que eles não a realizam, e se pensas ver com os olhos corporais, não a realizam, e se pensas ver com os olhos corporais, não vês a Unidade na verdade, pois que mesmo mantendo vestígios dela, contudo os corpos permanecem distantes dela. Com teus olhos corporais só vês objetos corporais. É, pois, só com a mente que vemos a Unidade... *mente igitur eam videmus*. Mas onde a vemos? Se ela estivesse só onde está o nosso corpo os orientais não a veriam... (E contudo eles julgam a respeito do corpo como nós). Portanto, ela não está circunscrita em um lugar. Presente em toda parte onde é possível julgar, ela não está presa no espaço, em locais determinados. E contudo, de lugar algum ela está ausente, por seu poder.

Como dirá Agostinho, posteriormente em seu livro, a vista foi feita para ver, mas é o espírito, a alma racional que contempla. E a alma racional contempla justamente aquilo que os

olhos acham ver. Ela contempla a Beleza e a Unidade que em certa parte se encontram nos corpos, pois “se não estivésseis contidos em certa unidade, nada séríeis” (AGOSTINHO, 1987, p. 95). O que mostra a inclinação da alma para o entendimento das coisas espirituais.

O ato de pensar e conhecer, bem como o ato religioso, que só é possível por causa da capacidade racional do homem, se apresenta unicamente por uma causa divina. É Deus que ao criar o homem atribuiu-lhe essa capacidade para que pudesse conhecer o mundo, a si próprio e a Deus mesmo.

Com os argumentos utilizados anteriormente fica nítida a pretensão agostiniana de que a alma é a responsável pelo conhecimento e que tal conhecimento provém de Deus. Mas, no intuito de tornar mais clara essa ideia, prosseguir-se-á no seguinte exemplo.

Um professor deseja explicar aos seus alunos o significado de algumas palavras que representam alguma coisa sensível, que se pode ver, tocar e/ou sentir. Para explicar-lhes além das palavras, o professor mostra a coisa que a palavra representa. Assim, através da experiência o aluno aprende uma determinada coisa, ou um determinado significado. Aqui não é a palavra, mas é a experiência que se tornará chave para o conhecimento do aluno. A palavra apenas fará referência para a re-memorização de uma experiência vivida. (BOHENER; GILSON, 1970).

Para ser mais preciso imagine-se que o professor tenha ensinado ao aluno o quantitativo do número quatro. A soma de dois mais dois é igual a quatro, ou a soma de três mais um é igual a quatro, ou até mesmo a subtração de seis menos dois também será igual a quatro. Caso o aluno tenha entendido bem esse conceito, todas as vezes que ele vir alguma coisa que possua o número quatro como, por exemplo, uma mesa de quatro pernas, ou quatro maçãs ele se lembrará do conceito. Mas o conhecimento adquirido a partir desse conceito foi algo introjetado pelo professor que ensinou os números, ou pelo aluno (alma, espírito pensante) que a partir do conceito gerou um conhecimento que pode ser utilizado de várias maneiras.

Étienne Gilson (2006) responderá à proposição agostiniana dizendo que quando acreditamos estar trocando ideias (é o que geralmente se pensa sobre a troca de informações, como uma troca de ideias), na verdade estamos realizando monólogos paralelos. Pois as palavras que são transmitidas pelo locutor são decodificadas no ouvinte e o próprio ouvinte produz sua ideia a partir das palavras ouvidas. Afinal “nunca é dado para nós o que já tínhamos” (GILSON, 2006, p. 143).

Assim, nada se aprende. O “[...] que o corpo não pode dar ao pensamento, o pensamento não pode dá-lo a si mesmo” (BOEHNER; GILSON, 1970, p. 162). A alma retira de seu próprio interior o significado das coisas, pois se o aluno entende algo que o professor explica é porque de certa maneira ele já teria dentro de si tal ideia, a qual abarcada através de palavras, fará soar compreensíveis as palavras do professor. Portanto, continuará dizendo Gilson (2006, p. 146) que “a análise da arte de aprender acaba de iluminar esse duplo fato: nunca é possível ensinar-nos uma ideia sem nos fazer descobri-la em nós mesmos, nem uma coisa sem nos fazer vê-la”. Todo conhecimento nasce e parte de dentro, nunca do exterior.

No salto de fora para dentro, na experiência da interiorização, a alma se isola. Entretanto a alma não se isola em si mesma, pois a fim de sair de tal isolamento a alma se refugia na Verdade. Ela transcende. Essa Verdade é aquela que não possui morada em lugar específico, mas que está em tudo, contém tudo e nada a contém. Mas não é apenas uma alma isolada que transcende em direção a essa Verdade. Todas as almas isoladas vão em direção a ela. Esse é o princípio de que uma coisa falada por um pode ser entendida por outrem. Ou até mesmo dos princípios matemáticos que são aceitos por pessoas quer se conheçam ou não.

Essas são as chamadas Verdades eternas e imutáveis. Não estão estabelecidas em critérios de tempo ou espaço, e é para elas que as almas se orientam, se transcendem. O homem novo, interior, aquele que se abstém do amor às criaturas e ama a eterna Verdade segue as palavras de Agostinho (1987, p. 106) que dizem:

Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem. E se não encontras senão a tua natureza sujeita a mudanças, vai além de ti mesmo. Em te ultrapassando, porém não te esqueças que transcendes tua alma que raciocina. Portanto dirige-te à fonte da própria luz da razão.

Aqui se encontra o grande pensamento do *De vera religione*, o ato de interiorizar-se faz o homem perceber que ele é diferente daquela realidade primeira, a eterna Verdade. Sendo, portanto, pela confissão (como ato interiorizante de conhecimento de si mesmo) que o homem demonstra sua dessemelhança (em relação a Deus/Verdade) e mostra-lhe a pureza de seu desejo de ser um com a Verdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agostinho de Hipona foi em seu tempo um filósofo de questionamentos incomuns e respostas inovadoras. Não é de se admirar tal posicionamento do filósofo, ao se levar em

consideração que ele mesmo vive em um período de transição e que ele será, em grande parte, responsável por responder as perguntas para as quais até então não havia respostas aceitáveis.

O presente estudo buscou analisar uma das obras do autor, o *De Vera Religione*, a partir do ponto de vista da interioridade como instrumento educacional que tem como foco principal o conhecimento da Verdade. Para tal, Agostinho descreveu o processo de interiorização a partir de uma série de questões que devem ser entendidas como princípios norteadores do conhecimento da Verdade.

O caminho de desapego das coisas materiais e a aderência às realidades eternas se dão na percepção da própria realidade terrena. Tal percepção surge a partir de um processo de conhecimento ou aprendizado humano que se revela de dentro para fora. Como visto, Agostinho afirma que a Verdade habita dentro do homem. Assim, a interiorização vai acontecendo ao ponto que o homem vai desapegando da materialidade. Ao adentrar em si mesmo o homem se isola e para não permanecer em solidão ele transcende à Verdade.

A Verdade é esse lugar para onde todas as almas (parte racional do homem) transcendem. Isso explicaria a possibilidade de várias pessoas entenderem uma mesma coisa, como por exemplo, que dois mais dois são quatro. Assim o processo de interiorização se mostra como um processo de conversão e autoconhecimento cujo fim último é a transcendência na Verdade.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A verdadeira religião**. São Paulo: Paulinas, 1987.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. **História da filosofia cristã**: desde as origens até Nicolau de Cusa. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de santo Agostinho**. São Paulo: Discorso; Paulus, 2006.

VAZ, Henrique C de Lima. **Escritos de filosofia VI**: ontologia e história. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012.